

Multiculturas às portas da Cidade

Bom dia,

Primeiro um agradecimento à Comissão Organizadora deste interessantíssimo Congresso, no qual é uma honra participar. Depois aos meus estimulantes companheiros de painel e à Exma. Moderadora e, por último, agradecer a todos os presentes a atenção que dispensam a esta curta intervenção.

Falamos de cidades e limiares e eu hoje venho falar-vos de um Bairro que se situa às portas de Lisboa, a capital, e é um território de limiares em vários sentidos.

Ora vejam como ele aparece na Comunicação Social, há vários anos, em diferentes media:

1. Notícia de 2005, na RTP: PSP apreendeu 14 armas de fogo na Cova da Moura
<http://www.rtp.pt/noticias/index.php?article=13984&tm=&layout=121&visual=49>
2. Na TVI, em 2013: três feridos graves em tiroteio na CM
<http://www.tvi24.iol.pt/503/sociedade/cova-da-moura-tiroteio-feridos-tvi24/1499060-4071.html>
3. No Correio da Manhã (2013): guerra de droga faz morto a tiro na CM
<http://www.cmjornal.pt/portugal/detalhe/guerra-de-droga-faz-morto-a-tiro-na-cova-da-moura>
4. No Jornal de Notícias, em 2016: um morto a tiro de caçadeira na CM
<http://www.jn.pt/justica/interior/um-morto-e-um-ferido-em-tiroteio-na-cova-da-moura-5096803.html>
5. E esta cronologia, muito recente (CM 2016):
http://www.cmjornal.pt/maissobre/bairro-cova-da-moura?ref=DET_sabermais

Há uns anos, na minha actividade de jornalista, resolvi fazer um documentário sobre o Bairro, impressionada pelo contraste do que conhecia com a imagem redutora que o projectava para o país, que essencialmente se resume no tipo de notícias que acabo de vos mostrar.

Foi um trabalho longo, de profunda imersão na vida destas pessoas que, generosamente partilharam as suas histórias comigo e a com a minha equipa, uma equipa pequena, modesta mas ágil. Uma estrutura que se revelou ser a indicada para ganhar a confiança de uma população que não tem exactamente a melhor relação com os media, como acabámos de ver. Ao longo de mais de seis meses (isto antes de começarmos a filmar) fomos nos apercebendo da força imensa que irradia desta comunidade. Resiliente, com uma forte identidade e que não mostra sinais de querer render-se aos estereótipos.

Façamos um *flash back* a 2005 (mas podia ser a 2017), só para reforçar como é difícil mudar esta percepção.

O bairro da Cova da Moura continuou em 2005 a suscitar a atenção dos *media* por motivos contraditórios: violência homicida contra agentes da Polícia de Segurança Pública, controversa

participação de jovens dele oriundos no não menos controverso “arrastão” de Carcavelos, mas também a exposição da fotógrafa da Magnum Susan Meiselas, que escolheu o bairro para focar o seu olhar sobre Portugal (no âmbito do desafio que o CCB lançou a três fotógrafos estrangeiros), condecoração e prémio “Mulher Activa” para Godelieve Meersschaert (activista do “Moinho da Juventude”, associação que anima e apoia a vida do bairro), visita presidencial para sublinhar o carácter positivo da convivialidade local... O Presidente Marcelo também visitou o Bairro há poucos meses...

O balanço contrastado da vida no bairro põe em evidência o forte desejo de reconhecimento, por parte de residentes que são igualmente activistas da sua defesa, do que nele existe de positivo. E os três traços positivos que nele sobressaem são a defesa de uma história identitária forte, a limitada – mas real – possibilidade de requalificação urbana, e o pedido de respeito alheio pelo que, ali, é nicho de multiculturalidade confirmada. Fracos argumentos, para um sistema dos *media* onde “só as más notícias são notícia”.

FILME:

ATÉ AOS 00:02:36 (ENTRADA, até «meu estimado pai... cachupa»). Conto história do bairro.

Partilho convosco uma breve **identificação e história do Bairro**. A Cova da Moura fica administrativamente situada nas freguesias da Buraca e Damaia do concelho da Amadora e tornou-se atractiva para os seus primeiros habitantes pela localização privilegiada. Hoje está entre as estações de comboios de Santa Cruz de Benfica e da Damaia, com ligações rápidas para Lisboa, linha de Sintra e abundância de autocarros.

Estimam-se em 7.000 os residentes actuais deste bairro multicultural e autoconstruído. 60% dos habitantes são de origem africana, 50% deles situam-se na faixa etária abaixo dos 20 anos, mas surgem os primeiros sinais de envelhecimento relativos aos habitantes primordiais do bairro.

O nível de escolaridade subiu em média (a taxa de analfabetismo está nos 10%) e há cada vez mais jovens a prosseguir graus de ensino para lá do obrigatório, chegando uma minoria à formação universitária.

O espaço físico tornou-se uma malha complexa mas profundamente vivida, com pontos estratégicos de sociabilidade com história. A profusão de cafés, mercearias, oficinas e cabeleireiros (mais de 20, uma das «marcas» do bairro), entre outras actividades, fazem dele um caso próximo da «auto-sustentação em serviços de proximidade»¹.

Vai-se de propósito à Cova da Moura para almoçar num dos seus restaurantes africanos ou para fazer um penteado especial. Em 2005, um grupo de animadores promoveu visitas ao bairro para combater a má imagem que os *media* dele dão (programa Sabura).

Na sua vida quotidiana, a âncora familiar continua a ser forte e o bairro é um enquadramento vital para uma maioria desfavorecida e ilegal, com as suas redes de solidariedade hospitaleira e uma quantidade invulgar de pessoas empenhadas no associativismo, como no incontornável “Moinho da Juventude”, que se desdobra em actividades para crianças, jovens e adultos, o Clube Desportivo, a igreja da Buraca, entre outros. É maioritariamente um bairro de gente de trabalho, de sol a sol, que sai cedo e chega tarde.

Recentemente, assiste-se à instalação de cidadãos brasileiros e provenientes do Leste europeu.

00:03:16 (Belinha no SEF, explica os principais problemas da nacionalidade)

00:03:50 Os MC's a falarem deste problema até 05.12 (Belinha acaba de enunciar os impedimentos)

A Cova da Moura é um **bairro peculiar**. A sua história e desenvolvimento idiossincrático fazem-no diferente de tantos outros bairros degradados das periferias urbanas. As suas primeiras construções, em madeira, surgem na década de 60 e eram sobretudo barracas de apoio a pequenas hortas de habitantes dos bairros vizinhos e de antigos trabalhadores agrícolas da Quinta do Outeiro, entretanto desactivada. A ocupação começa por distribuir-se em dois núcleos, um junto à referida quinta e outro próximo de uma pedreira abandonada, junto à actual Avenida da República, o que vai resultar na configuração toponímica da Cova da Moura, muito mais colina do que cova. Segundo dados municipais², em 1974 viviam ali 360 pessoas.

É com a descolonização que verdadeiramente começa o povoamento em larga escala. Os chamados «retornados», em grande parte instalados pelo IARN em condições precárias, ocorrem à zona pela localização e disponibilidade do terreno, que era barato e estava desocupado. Esta era uma gente dinâmica e disposta a lutar pela vida, mesmo que a partir do zero. A 12 de Novembro de 1978 surge a primeira comissão de moradores “constituída essencialmente por retornados, sobretudo os provenientes de Angola, – que começa por reivindicar e conseguir – as primeiras infra-estruturas básicas. Em 1977 dá-se a instalação de electricidade, primeiro a título precário e ainda a cargo da Câmara Municipal de Oeiras (a da Amadora só nasce em 1979). Nesta data procede-se à colocação de água e esgotos e asfaltam-se algumas ruas, obedecendo a um plano da comissão. De acordo com o estudo acima citado, “as sucessivas comissões de moradores desempenharam um importante papel na gestão dos terrenos e no controlo da dinâmica construtiva do bairro (...).

Eram chamados a intervir como mediadores em todo o tipo de conflitos entre vizinhos, evitando assim o agravamento das condições de habitabilidade”.

Segue para 05:18: Hedir no Sabura até 06:00 (Bino a dizer que são logo culpados)

Segue para 08:18 (Ida cozinheira, mecânico branco e o Carmo retornado até ao sr DJunta MON)

Esta é uma expressão do crioulo cabo-verdiano, que significa juntar um grupo de amigos para fazer face a qualquer dificuldade ... ou seja, literalmente, juntar as mãos.

Durante a década de 80, além de trabalhadores portugueses de vários pontos do país que procuravam trabalho em Lisboa, afluíram em grande número imigrantes de origem africana, sobretudo de Cabo Verde, vindos para Portugal em busca de trabalho e melhores condições de vida. Na década de 90, fugindo à guerra e à pobreza, arribaram gentes de Angola, Guiné e S. Tomé e Príncipe.

Fisicamente o Bairro divide-se em dois **grandes quarteirões**, conhecidos como «o europeu» e o «africano». Segundo o último estudo exaustivo sobre a população e parque habitacional da Cova da Moura³, «a maioria dos fogos tem cozinha e casa de banho (82,6%), electricidade, água e esgoto (86,3%). Estes indicadores pressupõem um empenhamento por parte dos residentes na melhoria das condições de habitabilidade. Grande parte deles participou no processo construtivo da sua habitação, levando conseqüentemente à adaptação a nível de espaço individual – sentimento de pertença...” (*op. cit.*:94).

Entra aluna UAL 11:44 até 13:35 (fim da Paula Cotrim)

Nos últimos anos, a pressão demográfica e o desmantelamento do Casal Ventoso agravaram os problemas já existentes de criminalidade juvenil (com casos de passagem da pequena delinquência para a grande delinquência), abandono escolar (a Amadora é o concelho com a

taxa recorde do país), toxicodependência e tráfico de droga. Mas, ao contrário de outros bairros “africanos” nas franjas de Lisboa, como o Estrela de África e o 6 de Maio, Santa Filomena ou a Quinta do Lage, onde ainda estão por alojar 2.000 agregados familiares ao abrigo do PER (Plano Especial de Realojamento), a Cova da Moura não se deixa ir abaixo. Não está abrangida pelo PER... nem quer estar.

E faz bem. O modelo de realojamento maciço seguido em Portugal e noutros países desde os anos 90 tem-se revelado um fracasso, como mostra o gritante caso da Bela Vista, em Setúbal. O PER surgiu como um pacote para acabar com as barracas, com boas intenções mas – tão infeliz recorrência entre nós – com um atraso conceptual demolidor. Construíram-se enormes aglomerados de realojamento, quando na Europa já se estavam a demolir as torres dos anos 60 e 70. Criaram-se do nada monstros homogêneos que não potenciam a mobilidade social, não dinamizam a actividade económica local e não favorecem a criação de emprego. Aqui está a acender e apagar a necessidade de quebrar o isolamento do bairro e abri-lo à cidade. Partindo dos moradores como pedra-chave para o processo, dadas as fortíssimas relações de associativismo, solidariedade e vizinhança que ali existem.

O que, por junto, significa que a Câmara da Amadora tem em mãos uma oportunidade de ouro de fazer história a nível nacional. Assim observe o lema crioulo que foi o alicerce da construção da Cova da Moura – o “*Djunta Môm*” (juntar as mãos) – e tenha vontade política de o fazer. Recuperar o bairro em vez de o arrasar, acabar com um gueto e melhorar a qualidade de vida dos residentes e vizinhos, poderá ser um gesto a favor de um autêntico multiculturalismo contemporâneo.

20:35 (o bêbedo a cantar até 21:30, Belinha na mercearia)

39:28 (creche até 40:50) o MC a falar dos problemas de integração, trancam os miúdos nas ruas

A multiculturalidade é um dado irreversível das antigas metrópoles coloniais, e não deixará de se acentuar, dadas as tendências pesadas das migrações que vão continuar a visar a Europa como zona de destino. Mas o multiculturalismo, ou seja, as políticas que apliquem o articulado do respeito pela diversidade cultural como património chave para a manutenção da coesão e da paz social – e que estão na base do projecto europeu – tem sofrido duros reveses com os atentados terroristas em território europeu. Desde os de 2005 nas redes de transportes públicos de Londres, perpetrados por jovens nascidos e radicalizados em Leeds que o mundo actualizou o que já se sabia sobre os jovens árabes das periferias parisienses ou de Marselha, e o problema das segundas e terceiras gerações de imigrantes gelou a Europa: aqueles terroristas eram cidadãos britânicos, aqueles islamistas queriam nas mesquitas oradores que lhes falem em inglês. Depois os de Paris, depois os da Bélgica, ainda na semana passada o de Westminster e há poucos dias o de S. Petersburgo. Estes jovens tresloucados são nados e criados em solo europeu. A análise *a posteriori* mostra sempre histórias de fraca integração e poucas perspectivas de mobilidade social.

46:20 a polícia e as shotguns até 46:50 (as crianças a verem as armas)

47:33 Rusgas até 48:33

49:30 até 50:18 (a vida é dura mas tu tens de continuar, mantém-te firme não te deixes derrubar)

Percebeu-se que o desafio multicultural deixou de ser apenas uma questão macrossocial de relações intercivilizacionais, para passar a ser algo de enorme relevância ao nível intrassocial,

micro, o das cidades e dos bairros. E a Europa ainda não encontrou as melhores soluções. Sendo a Cova da Moura um bairro com alma, testemunha viva da nossa história recente em democracia, com a sua mistura de proveniências e pertenças múltiplas que têm sabido enriquecer-se contra ventos e marés, fazer da sua recuperação uma meta pode ser um desafio exemplar. A história tem demonstrado que a estratégia da borracha de apagar não resiste aos anos e os tempos estão de feição a repensar os problemas da imigração. Fácil não será, mas está longe de ser impossível.

Muito OBRIGADA pela vossa atenção!